

FACULDADE INTEGRADA CETE – FIC
CURSO DE FARMÁCIA

HELOISA BARBOSA DE VASCONCELOS
RAYZA FLANCIELE OLIVEIRA MARQUES DE MELO

**PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DE UMA INSTITUIÇÃO
DE ENSINO SUPERIOR SOBRE O ESTIGMA RELACIONADO A
PACIENTES QUE VIVEM COM HIV/AIDS**

GARANHUNS

2023



**HELOISA BARBOSA DE VASCONCELOS
RAYZA FLANCIELE OLIVEIRA MARQUES DE MELO**

**PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DE UMA INSTITUIÇÃO
DE ENSINO SUPERIOR SOBRE O ESTIGMA RELACIONADO A
PACIENTES QUE VIVEM COM HIV/AIDS**

Trabalho de Conclusão do Curso,
apresentado para obtenção do título
de Farmacêutica no Curso de
Farmácia da Faculdade Integrada
CETE - FIC.

Orientador(a): Prof. Esp. José Ferreira
Netto.

GARANHUNS

2023



REVISTA
**CONTRIBUCIONES
A LAS CIENCIAS
SOCIALES**



REVISTA
**CONTRIBUCIONES
A LAS CIENCIAS
SOCIALES**

HELOISA BARBOSA DE VASCONCELOS

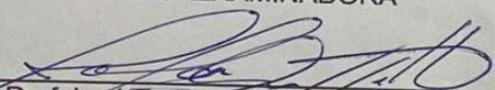
RAYZA FLANCIELE OLIVEIRA MARQUES DE MELO

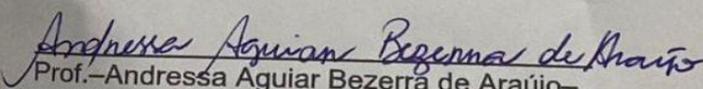
**PERCEPÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA SAÚDE DE UMA INSTITUIÇÃO
DE ENSINO SUPERIOR SOBRE O ESTIGMA RELACIONADO A
PACIENTES QUE VIVEM COM HIV/AIDS**

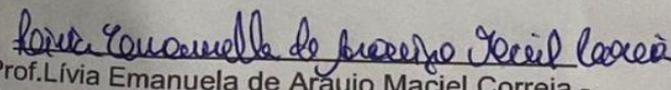
Trabalho de Conclusão de Curso aprovado
pela Banca Examinadora para obtenção do título
de Farmacêutica, no Curso de Farmácia da
Faculdade Integrada CETE - FIC, com Linha
de Pesquisa em Educação em Saúde.

Garanhuns, 19 de Dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. José Ferreira Netto – Especialista –
(Faculdade Integrada CETE - FIC) – Orientador


Prof. Andressa Aguiar Bezerra de Araújo –
Especialista – (Faculdade Integrada CETE - FIC)


Prof. Livia Emanuela de Araújo Maciel Correia –
Especialista – (Faculdade Integrada CETE - FIC)



REVISTA
CONTRIBUCIONES
A LAS CIENCIAS
SOCIALES

“Louvai ao Senhor, porque ele é bom; porque a sua benignidade dura para sempre. Salmo 136.”



**Percepção dos profissionais da saúde de uma instituição de ensino superior
sobre o estigma relacionado a pacientes que vivem com HIV/AIDS**

**Perception of health professionals at a higher education institution about the
stigma related to patients living with HIV/AIDS**

Heloísa Barbosa de Vasconcelos

Discente do Curso de Farmácia Faculdade Integrada Cete (FIC)

Endereço: Garanhuns - PE, 55292-357

E-mail: heloisabvasconcelos@hotmail.com

Rayza Flanciele Oliveira Marques de Melo

Discente do Curso de Farmácia Faculdade Integrada Cete (FIC)

Endereço: Canhotinho - PE, 55420000

E-mail: rayzamel07@hotmail.com

José Ferreira de Sousa Netto

Docente do Curso de Farmácia Faculdade Integrada Cete (FIC)

Mestrando em Educação de Ensino para Área da Saúde.

Especialista Farmácia Clínica

Endereço: Garanhuns - PE, 55296195

E-mail: ferreira.netto@hotmail.com

RESUMO

A discriminação e o preconceito referente as pessoas que vivem com o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) ainda é uma problemática a ser combatida no Brasil, diante de uma sociedade preconceituosa é perceptível um bloqueio por parte das pessoas infectadas com o vírus de procurar o tratamento adequado. O presente artigo tem como objetivo analisar a percepção dos profissionais de saúde envolvidos na docência do ensino superior em relação ao estigma e a discriminação de pacientes que vivem com HIV/AIDS. Trata-se de uma pesquisa de caráter descritivo, caracterizada como qualitativa/quantitativa, realizada a partir de questionários semiestruturados, elaborados pelos próprios autores da pesquisa aos professores de uma faculdade privada no agreste Pernambucano. Os resultados apresentaram que 80% dos entrevistados acreditam que há deficiência no ensino e preparo de profissionais da saúde para o manejo adequado de pacientes soropositivos e 60% acreditam que o estigma e a discriminação entre os profissionais de saúde ainda é bem predominante em relação a pessoas que vivem com HIV/AIDS, outra informação relevante, obtida através deste estudo, trata-se da deficiência dos docentes em aprofundar essa temática no âmbito educacional. Foi verificado, então, a necessidade dessa abordagem em sala de aula com os alunos e futuros profissionais de saúde, visando o desenvolvimento de habilidades e competências para que esses futuros profissionais proporcionem um atendimento humanizado, empático e não propaguem o estigma.



Palavras-chave:HIV, Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, Profissionais da Saúde, Estigma Social

ABSTRACT

Discrimination and prejudice regarding people living with the Human Immunodeficiency Virus (HIV) is still a problem to be combatted in Brazil, in the face of a prejudiced society, it is noticeable that people infected with the virus are blocked from seeking treatment. adequate. This article aims to analyze the perception of health professionals involved in teaching higher education in relation to stigma and discrimination against patients living with HIV/AIDS. This is a descriptive research, characterized as qualitative/quantitative, carried out using semi-structured questionnaires, prepared by the research authors themselves for teachers at a private college in rural Pernambuco. The results showed that 80% of those interviewed believe that there is a deficiency in the teaching and preparation of health professionals for the appropriate management of HIV-positive patients and 60% believe that stigma and discrimination among health professionals is still very prevalent in relation to people who live with HIV/AIDS, another relevant information obtained through this study is the lack of teachers in delving deeper into this topic in the educational sphere. The need for this approach was then verified in the classroom with students and future health professionals, aiming to develop skills and competencies so that these future professionals can provide humanized, empathetic care and not propagate stigma.

Keywords:HIV, Acquired Immune Deficiency Syndrome, Health Professionals, Social Stigma.

1 INTRODUÇÃO

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) é um retrovírus da subfamília *Lentiviridae*, responsável pelo enfraquecimento progressivo do sistema imunológico, causando imunossupressão, atingindo principalmente linfócitos T CD4, células dendríticas e macrófagos, acarretando a síndrome da imunodeficiência adquirida (Pinto Neto *et al.*, 2020).

Segundo Pinto Neto *et al.* (2022) as manifestações clínicas em pacientes diagnosticados com HIV, ocorrem de acordo com a carga viral e a resposta imunológica, desencadeando um quadro agudo nas primeiras semanas da infecção, no qual os sintomas típicos são semelhantes aos que ocorrem em outras infecções virais, como febre, dores na cabeça, cansaço, dores na garganta e aumento dos gânglios linfáticos.

A infecção pelo HIV acontece através do contato com fluidos corporais contaminados pelo vírus, como sangue, mucosas, sêmen ou leite materno, sendo as principais formas de transmissão:



relações sexuais sem proteção, transmissão vertical, ou uso compartilhado de perfurocortantes (Pinto Neto *et al.*, 2022).

Posteriormente há um quadro de latência, caracterizado por um quadro assintomático que pode durar anos, podendo o infectado apresentar linfadenomegalia e alterações inespecíficas em exames laboratoriais, como plaquetopenia, anemia (normocrômica e normocítica) e leucopenia. Após esse estágio há uma progressão da imunodeficiência, ocorrendo manifestações típicas em pacientes imunossuprimidos, com redução na contagem de linfócitos T CD4 e aparecimento de doenças oportunistas (Pinto Neto *et al.*, 2022).

O HIV é preocupante para a população, pois trata-se de uma infecção crônica, que costuma ser assintomática até evoluir, sendo então capaz de desencadear a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Os sintomas da AIDS incluem geralmente perda de peso, febre ou sudorese noturna e recorrência de infecções oportunistas, podendo levar o indivíduo a morte (Veras *et al.*, 2020).

Ao longo da história da humanidade, diversas doenças como: cólera, tuberculose, hanseníase, entre outras, causaram além de males físicos, males decorrentes do estigma e preconceito, acarretando em danos psicológicos e exclusão social, e com o HIV/AIDS não foi diferente. No final do século ela entrou para o rol de doenças estigmatizadas, trazendo consigo um vetor, prostitutas e homossexuais eram apontados como portadores do vírus e o preconceito e estigma que esse grupo de pessoas já sofriam, passou a aumentar a ponto de terem seus direitos violados. Discursos como “peste gay”, “coisa de prostitutas”, de “pessoas promíscuas” e de “pessoas drogadas”, eram usadas para atacar as pessoas que vivem com o HIV/AIDS (Gestos – Soropositividade, Comunicação e Gênero, 2015).

Na década de 1990, houve o desenvolvimento dos antirretrovirais (ART), que proporcionaram uma melhora no quadro clínico das pessoas vivendo com HIV/AIDS. Com o desenvolvimento das pesquisas clínicas e farmacológicas, a terapia antirretroviral proporcionou uma redução do avanço da infecção através da diminuição da carga viral (Dias *et al.*, 2020).

O Brasil foi o primeiro país entre as nações em desenvolvimento a proporcionar de forma gratuita pela rede pública de saúde os medicamentos antirretrovirais, nesse contexto o país se destacou no enfrentamento a epidemia da AIDS. A terapia antirretroviral é de grande relevância e



possui um grande significado clínico para melhor qualidade de vida das pessoas que vivem com o HIV, sendo assim, nos dias atuais o tratamento com esses medicamentos pode diminuir em até 96% a probabilidade de transmissão do vírus, com isso, os antirretrovirais contribuem também no equilíbrio epidemiológico, e na própria prevenção da infecção pelo HIV (Dias *et al.*, 2022).

A discriminação e o preconceito referente as pessoas que vivem com HIV ainda é uma problemática a ser combatida no Brasil. Como reflexo de uma sociedade preconceituosa é evidente um bloqueio por parte das pessoas infectadas com o vírus de procurar o tratamento adequado. Diante de tantos paradigmas a serem desconstruídos, existe um receio por parte da população e até mesmo de profissionais da saúde em conviver com pessoas soropositivas, tal problema afeta diretamente na vida social e psicológica das pessoas que vivem com o HIV (Mota *et al.*, 2022).

Devido ao estigma e o preconceito as pessoas que abdicam de uma ajuda profissional acabam por ter uma piora no quadro clínico e até mesmo uma morte prematura. É importante entender que esses pacientes precisam de um acolhimento especial, visto que, após a testagem positiva para HIV/AIDS, o paciente pode se encontrar em um estado emocional muito abalado, e por muitas vezes atentar contra a própria vida, dependendo do estado de sofrimento psicossocial (Fernandes *et al.*, 2022).

A discriminação por profissionais da saúde tem sido observada em vários estudos, isso ainda ocorre devido ao pouco conhecimento sobre o processo saúde-doença do HIV. Os profissionais praticam comportamentos impróprios e intoleráveis, por exemplo, na maioria das vezes evitam o toque em pacientes, propagando ainda mais o processo de estigmatização, mesmo diante do acesso a informação baseada em evidência científica (Rissi, Horn, 2016).

Os comportamentos discriminatórios de alguns profissionais da saúde remetem à formação profissional. Verifica-se que o despreparo, a insegurança e o medo do contágio são reflexos de uma estrutura curricular frágil, resultando na precária assistência para as pessoas que vivem com o HIV, especialmente quando são atendidas em serviços não especializados para assistência e prevenção do HIV/AIDS (Sadala, Marques, 2006).

Sendo assim, o presente artigo visa analisar a percepção dos profissionais da saúde envolvidos na docência do ensino superior sobre o estigma relacionado a pacientes que vivem com HIV/AIDS.



2 METODOLOGIA

No que concerne à metodologia, a presente pesquisa é de caráter descritivo, caracterizada como qualitativa/quantitativa, e foi realizada com o intuito de compreender como a formação de profissionais da saúde podem impactar no acolhimento de pacientes que vivem com o HIV/AIDS. As entrevistas foram realizadas com profissionais da saúde que atuam como docentes em uma faculdade privada no agreste Pernambucano.

A coleta de dados ocorreu a partir de questionários semiestruturados, elaborados pelos próprios autores da pesquisa, no período de novembro de 2023 a dezembro de 2023. Foram utilizados como critérios de inclusão a formação do docente na área da saúde e a inserção nos colegiados dos cursos de saúde da instituição de ensino. Os que não atenderam esses critérios foram excluídos.

Por se tratar de uma análise descritiva básica foi envolvido o cálculo de medidas simples de composição e distribuição de variáveis, como proporções ou médias. Com isso, a análise descritiva forneceu conhecimento que tornou-se a base para análises quantitativas subsequentes. E a partir da interpretação correta, os dados forneceram informações úteis para à criação de uma hipótese. Foi utilizado o programa estatístico Epi Info (Versão 7.2.5).

Aspectos Éticos:

A pesquisa foi submetida ao Sistema CEP/CONEP por meio da Plataforma Brasil, estando em conformidade com as Resolução N° 510/2016 e a Norma Operacional CNS/MS n° 001/2013, através do cadastro no site: <https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf>. Número do parecer 6.504.686

Se tratando dos benefícios da coleta de dados para os participantes, a pesquisa servirá como suporte para o desenvolvimento de ações que visam a otimização na formação acadêmica frente a esta temática. Assim como deverá estimular a realização de capacitação dos profissionais que se dedicam ao ensino em saúde.

Quanto aos riscos envolvidos apontamos a possibilidade de vazamento dos dados, no entanto os pesquisadores asseguraram que os nomes fossem trocados por codificação garantindo



assim o sigilo. Ainda, foi verificado a possibilidade de constrangimento dos voluntários ao responder ao questionário, sendo assim, foi assegurado a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas, inclusive em termos de autoestima e de prestígio. Logo, foi garantido também um local reservado para responder aos questionários e liberdade para não responder questões constrangedoras.

Os dados foram coletados por meio de questionários e armazenados em pastas de arquivo, sob a responsabilidade do orientador, na Rua Frei Herculano, nº20, centro, Poção-PE. Os dados serão armazenados por um período de 5 anos.

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido:

A pesquisa foi realizada sob apresentação e assinatura prévia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atendendo a Resolução CNS/CONEP nº 510/2016 e complementares, em duas vias. Não houve nenhuma forma financeira compensatória aos participantes envolvidos na pesquisa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo foi realizado com dez profissionais docentes de uma faculdade privada localizada no agreste de Pernambuco, estes sendo profissionais da saúde de diversas áreas, como Biomedicina, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Odontologia e Psicologia.

A faculdade possui 48 professores no seu corpo docente, sendo que 47,91% não obedecem os critérios de elegibilidade. A pesquisa foi realizada com 40% dos profissionais que atenderam todos os critérios. Vale ressaltar que 54% dos docentes que estariam aptos a participar declararam não ter desejo, quando esclarecidos pelos pesquisadores do intuito do estudo.

Dentre os dez docentes entrevistados, foi verificado que as entrevistas foram respondidas em sua maioria por profissionais Farmacêuticos (40%), seguido por Fisioterapeutas (20%), Biomédicos, Enfermeiros, Odontólogos e Psicólogos (10% cada) (conforme tabela 1).

Ainda, como podemos observar na tabela 1, em relação à titulação acadêmica 60% dos profissionais relatam ter especialização, 20% mestrado, 10% doutorado e 10% apenas bacharelado. No que se refere ao tempo de atuação dos profissionais de saúde no ensino superior 30% dos



profissionais atuam em um período de 1 a 3 anos, 30% de 4 a 6 anos, 30% de 7 a 9 anos e apenas 10% atuam a menos de 1 ano.

Tabela 1. Caracterização dos profissionais da saúde envolvidos na docência participantes da pesquisa.

PROFISSÃO	BIOMEDICINA	ENFERMAGEM	FARMÁCIA	FISIOTERAPIA	ODONTOLOGIA	PSICOLOGIA
	10%	10%	40%	20%	10%	10%

TEMPO DE DOCÊNCIA	MENOS DE 1 ANO	1 A 3 ANOS	4 A 6 ANOS	7 A 9 ANOS
	10%	30%	30%	30%

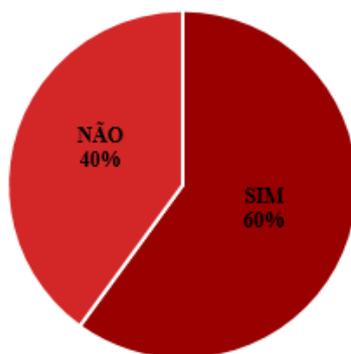
TITULAÇÃO ACADÊMICA	BACHAREL	ESPECIALISTA	MESTRE	DOUTOR
	10%	60%	30%	10%

VINCULO	1 INSTITUIÇÃO	2 INSTITUIÇÕES
	60%	40%

Fonte: Os autores

Através da análise dos dados foi possível identificar se os profissionais buscam se atualizar e participar de treinamentos a respeito de temas referente ao HIV/AIDS, no qual 60% dos profissionais da saúde alegaram ter participado de capacitação a respeito do tema, já 40% afirmaram nunca ter participado (Gráfico 1). O dado reflete o quão é extremamente necessário se investir em educação continuada para os profissionais da saúde, principalmente em relação a uma temática no qual se necessita desenvolver habilidades e competências para se prestar uma melhor assistência aos pacientes, bem como, no caso em especial, garantir que essa temática possa ser abordada de forma consciente e esclarecedora em sala de aula com futuros profissionais da saúde.

Gráfico 1: Profissionais treinados/capacitados sobre HIV/AIDS.

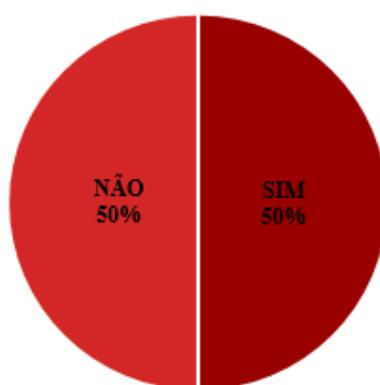


Fonte: Os autores



O estudo mostrou que 50% dos profissionais (Gráfico 2) já atenderam pacientes soropositivos, o que reflete a importância dos profissionais estarem capacitados e aptos para esse atendimento, pois o HIV/AIDS é uma condição complexa que requer conhecimento especializado e entendimento aprofundado da doença, incluindo sua patogênese, diagnóstico, tratamento e manejo de complicações. Isso permite que eles ofereçam um cuidado abrangente e baseado em evidências aos pacientes.

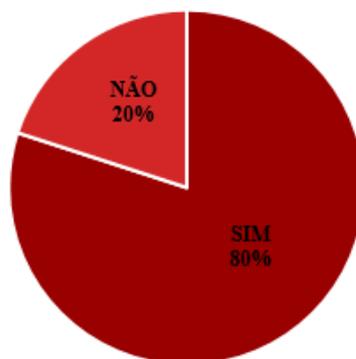
Gráfico 2: Profissionais que já atenderam pacientes soropositivos.



Fonte: Os autores

No entanto, 20% dos entrevistados (Gráfico 3) não se sentem aptos para atender pacientes soropositivos e 70% já presenciaram atos de preconceito por parte de algum profissional de saúde. Essa informação revela que a existência de preconceito e estigma nos dias atuais, tanto entre os profissionais da saúde como pessoas que não trabalham na saúde ainda persiste, sendo muitas vezes a causa da desistência do paciente de buscar ou prosseguir com o tratamento.

Gráfico 3: Profissionais se sentem aptos a atender pacientes soropositivos.



Fonte: Os autores



Como evidencia Fernandes *et al.* (2022) em razão do estigma e o preconceito, várias pessoas são excluídas socialmente devido a sua condição sorológica, por esse motivo, muitas delas abdicam de procurar ajuda profissional, o que conseqüentemente leva a piora do quadro clínico.

Ainda, segundo a ótica de Lins *et al.* (2022) sobre as questões éticas e o acolhimento pelos profissionais da saúde e os impactos no tratamento dos pacientes soropositivos, o déficit ético por parte dos profissionais da saúde acaba sendo um obstáculo para o paciente na busca pelo tratamento, conseqüentemente amplia o número de casos e de mortes por agravamento do HIV, como também aumenta a exclusão social e o preconceito.

Os entrevistados, em sua maioria, correspondendo a 60% das respostas obtidas (gráfico 4), acreditam que o estigma e a discriminação são prevalentes no meio dos profissionais da saúde quando se trata de pacientes que vivem com HIV/AIDS, o que leva a falta de interesse por parte dos profissionais em se envolver com os pacientes, devido ao medo ou desconforto em lidar com o assunto. Isso reflete no desencorajamento de pessoas soropositivas em acessar e aderir ao tratamento farmacológico, culminando na piora do quadro clínico e desenvolvimento da doença.

Gráfico 4: Prevalência do estigma e discriminação entre os profissionais da saúde em relação as pessoas que vivem com HIV/AIDS.



Vale salientar, que os entrevistados ainda forneceram informações que resultam na verificação de que habitualmente os profissionais da saúde conhecem (40%) o processo saúde-doença do HIV/AIDS e suas formas de transmissão, mas ainda continuam com comportamentos impróprios e proteções exacerbadas (60%) quando se trata de atendimento a pacientes que vivem com HIV/AIDS. Esse cenário evidencia o fortalecimento do estigma e a importância do referido tema ser abordado com mais propriedade em sala de aula durante a formação de novos profissionais da saúde, com o objetivo de desconstruir esse tabu, pois como outras patologias a AIDS é considerada uma doença de curso crônico, passível de tratamento.



Um dos pontos também citados pelos profissionais entrevistados foi em relação a deficiência na formação acadêmica referente ao tema HIV/AIDS, no qual 80% (gráfico 5) dos entrevistados reconhecem que de fato há deficiência no ensino e preparo de profissionais da saúde para o manejo adequado e livre de preconceito de pacientes que vivem com HIV/AIDS. Essa realidade impacta diretamente na vida de pacientes soropositivos que serão acompanhados por futuros profissionais que não desenvolveram competências para oferecer assistência, cuidado e acolhimento humanizado.

Gráfico 5: Deficiência na formação de profissionais quanto o conhecimento sobre HIV/AIDS.



Fonte: Os autores

Como afirma os autores Salada e Marques (2006), a discriminação por profissionais da saúde tem sido considerada em várias pesquisas, isso acontece diante do fato do conhecimento sobre o processo saúde-doença do HIV não ser sólido, sendo assim, há propagação do estigma e da discriminação através de comportamentos inadequados, inclusive evitando o contato com o paciente.

Diante de alguns questionamentos realizadas durante a pesquisa, foi abordado quais são os fatores que propagam estigma por profissionais da saúde, referente aos pacientes que vivem com HIV/AIDS, no qual foram obtidas respostas fundamentais para uma melhor compreensão acerca do assunto. Abaixo seguem algumas respostas na íntegra.



“Em alguns cursos da área da saúde não é um assunto explanado e quando acontece, o assunto é abordado de forma teórica ou apenas visando a fisiopatologia e o tratamento, sendo importante compreender a conjuntura biopsicossocial na qual o indivíduo está inserido” (Entrevistado 1).

“ Ainda existe a falta de conhecimento, mas a empatia também ” (Entrevistado 4).

“Preconceito e discriminação. Nossa população em um modo geral é muito preconceituosa” (Entrevistado 5).

“Ausência ou déficit de educação em saúde que abordem o manejo deste grupo de pacientes” (Entrevistado 6).

“ Falta de conhecimento dos profissionais e interesse sobre o tema ” (Entrevistado 7).

“O preconceito ainda é grande envolvendo esse tema, também temos ainda um público portador dessa doença composta por pessoas marginalizadas e isso as afasta de um tratamento mais humanizado” (Entrevistado 8).

O medo de sofrer preconceito por parte da equipe multiprofissional ainda é um dos maiores fatores que impedem a busca por aconselhamento e tratamento nos Centros de Testagem e Aconselhamento (CTA) e nos demais estabelecimentos de saúde, por isso, é de suma importância que durante a graduação, os profissionais sejam orientados à desconstruir todo e qualquer preconceito e estigma relacionados ao HIV/AIDS, para que possam oferecer aos pacientes e a população em geral um atendimento humanizado livre de qualquer tipo de aversão.

Nesse âmbito, Frontelmo (2021) ressalta a importância estratégica em discutir ações metodológicas no âmbito acadêmico que colaborem com o desenvolvimento dos futuros profissionais de saúde, para que haja um combate contra a discriminação de forma dinâmica e contínua, favorecendo a desconstrução do estigma.

Ainda, vale salientar que entre os profissionais entrevistados, apenas 40% já ministraram alguma aula sobre o tema, e relataram em unanimidade que os discentes ainda possuem muitas dúvidas tanto sobre o processo saúde-doença, quanto sobre as formas de transmissão do HIV/AIDS. Logo, se faz necessário refletir sobre a carência de conhecimentos básicos acerca de um tema tão relevante.

Nesse contexto, 70% dos profissionais concordam que o preconceito e o estigma por parte dos profissionais da saúde provém de uma graduação deficiente acerca dessa temática, e vão além, quando 80% afirmam que esse tema ainda é tratado de forma abstrata, mesmo em meio as políticas



públicas e de toda acessibilidade ao conhecimento.

Sob o ponto de vista de Medeiros (2015), a formação acadêmica dos profissionais da saúde tem refletido uma grande problemática nos serviços de saúde, pois muitas vezes esses são bem formados no que diz respeito as técnicas, mas há uma lacuna no que tange aos conhecimentos científicos e mais ainda nas relações interpessoais, extremamente necessárias no que se refere a assistência a pacientes soropositivos. As graduações da área da saúde em sua maioria não abragem transversalmente a educação permanente na formação de seus discentes.

4 CONCLUSÃO

Diante de todo o exposto, concluímos que os profissionais da saúde em formação devem ser capacitados não somente em termos de conhecimento clínico, mas também em habilidades interpessoais e atitudes que promovam um ambiente de saúde livre de discriminação.

Uma das medidas sugeridas para reduzir o preconceito e estigma seria introduzir a educação sexual já na educação básica, promovendo a entrada dos estudantes livres de estigma e preconceitos na graduação. Além também da sensibilização e capacitação do corpo docente universitário para que haja a inserção de momentos de discussão coletiva em sala de aula referente ao acolhimento e acompanhamento de pessoas que vivem com HIV/AIDS.

É válido mencionar também visitas técnicas ao CTA, eventos institucionais que promovam mesas redondas, minicursos e palestras, com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre a temática e promover uma formação profissional livre de todo e qualquer preconceito, apta ao atendimento humanizado dos pacientes que vivem com HIV/AIDS.

É bem verdade que o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece gratuitamente medicamentos antirretrovirais eficazes, seguros e extremamente modernos para o tratamento do HIV permitindo qualidade de vida e um excelente prognóstico. Segundo dados do Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS) ainda cerca de 630 mil pessoas morreram no ano de 2022 por doenças relacionadas a AIDS no mundo. No entanto, no Brasil a morte por agravamento do HIV/AIDS não se justifica meramente na falta de acesso ao tratamento farmacológico, mas talvez na falha do desempenho de uma equipe multiprofissional qualificada para fornecer um ambiente acolhedor, humanizado e empático.



Em última análise, a superação do estigma e preconceito em relação ao HIV/AIDS entre profissionais da saúde é um processo contínuo que requer esforços coletivos de instituições de ensino, organizações de saúde e conselhos de classe. Essa mudança cultural é essencial para garantir que todos os indivíduos, sejam eles soropositivos ou não, sejam acolhidos de forma justa, compassiva e igualitária e que seu acompanhamento seja baseado nas melhores evidências científicas nos serviços de saúde.



REFERÊNCIAS

DIAS, Jhony Oliveira *et al.* Principais sintomas e alterações imunológicas decorrentes da infecção pelo vírus HIV: uma revisão bibliográfica. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, ano 2020, v. Sup., n. 40, p. e2715, 1 fev. 2020. DOI <https://doi.org/10.25248/reas.e2715.2020>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/2715>. Acesso em: 22 nov. 2022.

DIAS, Wesley Brandão *et al.* O perfil psicossocial de pessoas vivendo com HIV/AIDS em uma unidade de acompanhamento em Belém-PA: Relato de Experiência. **Revista Eletrônica Acervo Saúde/Eletronic Journal Collection Healt**, Belém - PA, ano 2020, v. 12, n. 1, e1429, 1 jan. 2020. DOI <https://doi.org/10.25248/reas.e1429.2020>. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/1429>. Acesso em: 22 out. 2022.

FERNANDES, Hugo *et al.* Violência autoprovocada e suicídio em pessoas que vivem com HIV/AIDS: revisão sistemática. **Revista Brasileira de Enfermagem**, ano 2022, v. 75, n. Supl 3, p. e20210768, 3 fev. 2022. DOI <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0768pt>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/3hJfsR5RmpJqyQPGHmSrcYc/?lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FRONTELMO, Veronica Gualberto. **Enfrentamento ao HIV/AIDS e perspectivas pedagógicas: primeiras reflexões**. 2021. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) - Instituto do Noroeste Fluminense de Educação Superior, Universidade Federal Fluminense, Santo Antônio de Pádua, 2021. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/26525>. Acesso em: 18 dez. 2023.

LINS, G. A. N., et al, 2022. Reflexões éticas na atenção à saúde de pacientes com HIV. **Revista Bioética**, v. 30, n. 3, p. 652-661. DOI <https://doi.org/10.1590/1983-80422022303559PT>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/7qSQDzcRwwdFXzBczpD7f7r/?lang=pt#ModalHowcite>. Acesso em: 17 jun. 2023.



MEDEIROS, L. C. M. EDUCAÇÃO PERMANENTE COMO INSTRUMENTO DE MUDANÇA NA REDE DE ATENÇÃO À SAÚDE COM FOCO NA ESTRATÉGIA SAÚDE DA FAMÍLIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA. **Revista Ciência Plural**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 65–74, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/7325>. Acesso em: 18 dez. 2023.

MOTA, João Victor Farias *et al.* O estigma social vivenciado pelo homem após diagnóstico de HIV positivo. **REV Med UFC**, ano 2022, v. 62, n. 1, p. 1-5, 31 jan. 2022. DOI 10.20513/2447-6595.2022v62n1e60177p1-5. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/revistademedicinadaufc/issue/view/1141>. Acesso em: 22 nov. 2022.

Pelisser, R., Rissi, D. R., & Horn, C. P. (2016). **DISCRIMINAÇÃO AO PACIENTE PORTADOR DO VÍRUS HIV**. *Anais De Medicina*. Recuperado de <https://periodicos.unoesc.edu.br/anaisdemedicina/article/view/12061>

PINTO NETO, Lauro Ferreira da Silva *et al.* Protocolo brasileiro para Infecções Sexualmente Transmissíveis 2020: infecção pelo HIV em adolescentes e adultos. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, ano 2021, v. 30, ed. esp1, e2020588, 28 fev. 2021. DOI 10.1590/s1679-4974202100013.esp1. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-49742021000500013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 23 out. 2022.

SADALA, M. L. A.; MARQUES, S. DE A. Vinte anos de assistência a pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil: a perspectiva de profissionais da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 11, p. 2369–2378, nov. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/ktkQqNwzqvNB6pvJLvm7Zhb/#ModalHowcite>. Acesso em: 16 de jun. 2023.

VERAS, Samara Maria de Jesus *et al.* Perfil dos usuários dos serviços de testagem e assistência a pessoa vivendo com HIV: Identificando vulnerabilidades para promover saúde. **Brazilian Journal of health review**, Curitiba, ano 2020, v. 3, n. 2, p. 1636-1649, 9 mar. 2020. DOI



REVISTA
**CONTRIBUCIONES
A LAS CIENCIAS
SOCIALES**

10.34119/bjhrv3n2-025. Disponível em:

https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/download/7537/6562?__cf_chl_tk=kwdp_hZjMKpn6Aba_5sNNFZcRb7i258hwytGwGjDb0-1666750437-0-gaNycGzNCVE. Acesso em: 24 out. 2022.